

Recebido em: 13/11/2024

Aceito em: 16/12/2024

Como citar: Rodrigues, R. D. M.; Piani, P. P. F. & Lemos, F. C. S. (2024). Grandes projetos, crimes ambientais e produção de “subjektividades atingidas” em Barcarena, Pará. PSI UNISC, 8(3), 100-126. doi: 10.17058/psiunisc.v8i3.19979

Tipo de Artigo: Relato de pesquisa

Editora responsável: Dra. Cristiane Davina Redin Freitas e Dra. Silvia Virginia Coutinho Areosa

**Grandes projetos, crimes ambientais e produção de “subjektividades atingidas”
em Barcarena, Pará¹**
**Grandes proyectos, delitos ambientales y producción de “subjektividades
afectadas” en Barcarena, Pará**
**Large projects, environmental crimes, and the production of "affected
subjectivities" in Barcarena, Pará**

Robert Damasceno Monteiro Rodrigues

Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém – Pará/Brasil

ORCID: 0000-0003-1830-9404

E-mail: robertdr.psi@gmail.com

Pedro Paulo Freire Piani

Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém – Pará/Brasil

ORCID: 0000-0003-3091-2126

E-mail: pedropiani@yahoo.com.br

Flávia Cristina Silveira Lemos

Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém – Pará/Brasil

ORCID: 0000-0003-4951-4435

E-mail: flaviacslemos@gmail.com

RESUMO

Com este artigo, apresentamos os resultados de uma pesquisa de mestrado que teve como objetivo analisar os efeitos dos crimes ambientais decorrentes de grandes projetos, como mineradoras e hidrelétricas, na vida dos moradores da região de Barcarena, no estado do Pará. Identificamos estas pessoas como atingidos e, ao longo do estudo, colocamos esta categoria em análise. Partimos, portanto, das transformações ocorridas em seus modos de vida e utilizamos da observação, diário de campo e entrevistas semiestruturadas para a produção dos dados, que foram analisados com base nos pressupostos teórico-metodológico-políticos do materialismo histórico-dialético. Falamos a partir da psicologia social crítica, logo, concebemos a produção do sujeito como unidade na totalidade que compreende as

¹ Os autores declaram que esta contribuição é um recorte da dissertação de mestrado do próprio autor (<https://ppgp.propesp.ufpa.br/index.php/br/teses-e-dissertacoes/dissertacoes/1071-turma-2019>). No entanto, assegura-se que a obra não foi publicada em outro periódico científico.

dimensões materiais e ideológicas, individuais e coletivas, objetivas e subjetivas do ser social. Identificamos que os efeitos provocados pelos grandes projetos na vida dos moradores de Barcarena não se dissociam da estratégia implementada pelo capitalismo na Amazônia e que, as suas subjetividades, são produzidas através das transformações nos seus modos de vida em campos como o trabalho, a saúde, as relações culturais, a luta e a resistência. Concluimos propondo a ampliação do conceito de atingidos, para a incorporação das dimensões subjetivas que compreendem os efeitos provocados pelos grandes projetos na vida das pessoas, tendo em vista contribuir com as elaborações teórico-conceitos sobre essa categoria, mas também com as lutas e organizações em defesa dos seus direitos.

Palavras-chave: psicologia social; Amazônia; capitalismo; saúde; direitos humanos.

RESUMEN

Con este artículo, presentamos los resultados de una investigación de maestría cuyo objetivo fue analizar los efectos de los delitos ambientales derivados de grandes proyectos, como mineras e hidroeléctricas, en la vida de los residentes de la región de Barcarena, en el estado de Pará. Identificamos a estas personas como afectadas y, a lo largo del estudio, analizamos esta categoría. Partimos, por tanto, de las transformaciones que se produjeron en sus modos de vida y utilizamos la observación, diario de campo y entrevistas semiestructuradas para obtener los datos, que fueron analizados sobre la base de los presupuestos teórico-metodológico-políticos del materialismo históricodialéctico. Partimos de la psicología social crítica, por lo que concebimos la producción del sujeto como una unidad en su totalidad que comprende las dimensiones materiales e ideológicas, individuales y colectivas, objetivas y subjetivas del ser social. Identificamos que los efectos provocados por los grandes proyectos en la vida de los barcarenanos no se disocian de la estrategia implementada por el capitalismo en la Amazonía y que, sus subjetividades, se producen a través de las transformaciones en sus modos de vida en campos como el trabajo, la salud, las relaciones culturales, la lucha y la resistencia. Concluimos proponiendo la ampliación del concepto de afectados para incorporar las dimensiones subjetivas de los efectos provocados por los grandes proyectos en la vida de las personas, con el fin de contribuir a las elaboraciones teórico-conceptuales sobre esta categoría, así como a las luchas y organizaciones en defensa de sus derechos.

Palabras-clave: psicología social; Amazonía; capitalismo; salud; derechos humanos.

ABSTRACT

With this article, we present the results of a master's research that aimed to analyze the effects of environmental crimes resulting from large projects, such as mining and hydroelectric plants, on the lives of residents in the Barcarena region, in the state of Pará. We identified these people as affected and, throughout the study, we analyzed this category. We started, therefore, from the transformations that occurred in their ways of life and used observation, field diary, and semi-structured interviews to produce the data, which were analyzed based on the theoretical-methodological-political assumptions of historical-dialectical materialism. We speak from the perspective of critical social psychology, therefore, we conceive the production of the subject as a unit in the totality that encompasses the material and ideological, individual and collective, objective and subjective dimensions of the social

being. We identified that the effects caused by large projects on the lives of Barcarena residents cannot be dissociated from the strategy implemented by capitalism in the Amazon and that their subjectivities are produced through the transformations in their ways of life in areas such as work, health, cultural relations, struggle, and resistance. We conclude by proposing the expansion of the concept of affected, to incorporate the subjective dimensions that comprise the effects caused by large projects in people's lives, aiming to contribute to the theoretical-conceptual elaborations on this category, but also to the struggles and organizations in defense of their rights.

Keywords: social psychology; Amazon; capitalism; health, human rights.

Introdução

Vivemos um momento de acirramento dos debates sobre mudanças climáticas, desastres e tragédias ambientais. Com este artigo, pretendemos adicionar alguns elementos para essa discussão, problematizando o modo como são produzidos os sujeitos atingidos por grandes projetos na Amazônia, a partir dos resultados de uma pesquisa de mestrado realizada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará (PPGP/UFGPA), finalizada no ano de 2022. Pensamos essa pesquisa como uma navegação por grandes rios da Amazônia, partindo de uma nascente e encontrando, em seu caminho, banheiros e correntezas, furos e bifurcações, mas sempre visando o estuário, a fim de contribuir com as lutas populares e garantia de direitos.

Realizamos a pesquisa junto aos moradores de comunidades tradicionais da cidade de Barcarena, no estado do Pará. Este município, localizado a 40km de Belém, a capital do estado, representa uma síntese da estratégia que o capital implementa na Amazônia a partir da construção dos grandes projetos. Em Barcarena, encontram-se e articulam-se indústrias minerárias, complexos logístico-portuários, a energia produzida pela Hidrelétrica de Tucuruí e grandes obras de infraestrutura que têm a cidade como seu fim, como a Ferrovia Paraense e a Hidrovia Araguaia-Tocantins.

Desde o início da construção dos primeiros grandes projetos em Barcarena, nos anos 1980, até os dias atuais, têm ocorrido e se acumulado sucessivos impactos de ordem ambiental, social, política, afetiva e econômica na região. Estes impactos, são consequências da ação destrutiva dos grandes projetos, implantados como enclaves, dissociados das forças locais, com elevado risco associado, produzindo conflitos, violências e inúmeras pessoas como atingidas (Becker, 1979; Castro, 2019; Farias, 2023). Foram com estas pessoas que trabalhamos na pesquisa: atingidos e atingidas reais, que sofreram e sofrem as consequências das transformações provocadas pelos grandes projetos em seus modos de vida. O sofrimento

dessas pessoas em função da violência experimentada é intangível e não pode ser silenciado diante da brutalidade das ações de grandes corporações internacionais e dos chamados projetos de infraestrutura no país.

Aos atingidos e às atingidas que entrevistamos, demos os nomes de Amazonas, Xingu, Tocantins e Tapajós. Trabalhadores e trabalhadoras que vivem da agricultura, do extrativismo, da criação de pequenos animais, de empregos formais ou da prestação de serviços; que são ribeirinhos, quilombolas e descendentes de povos indígenas; que moram no campo e na cidade; que fazem parte de associações, sindicatos e partidos políticos; que lutam para sobreviver, resistem e se organizam para a defesa de seus direitos frente à ação dos grandes projetos.

De acordo com Vainer (2005) e MAB (2021), a noção de atingido é um conceito em disputa, que diz respeito à legitimação dos direitos e de seus detentores. O fundamental para a definição de atingido é o caráter dinâmico do sujeito que se constitui e é constituído no contexto de violação dos seus direitos. Ao falarmos de atingidos, portanto, falamos de pessoas que são assim produzidas pelos grandes projetos, mas que também assim se produzem; uma constituição que ocorre desde o anúncio da obra até seus efeitos de poluição e degradação da sociobiodiversidade, que envolve a totalidade das dimensões que forjam o sujeito, individual e coletivamente, econômica e ideologicamente, objetiva e a subjetivamente.

Deste modo, colocamo-nos o objetivo de analisar o modo como são produzidos os atingidos em Barcarena, a partir das transformações provocadas pelos grandes projetos em seus modos de vida. A despeito das elaborações, tanto na antropologia quanto na sociologia e nas ciências da saúde sobre os modos de vida, partimos da concepção referente à forma como Marx e Engels (2007) utilizam esta expressão na obra *A Ideologia Alemã*, referindo-se, por meio dos modos de vida, à síntese do que seriam as condições de produção e reprodução da realidade pelas pessoas e, portanto, de si próprios.

Neste sentido, analisar a produção do sujeito a partir das transformações em seus modos de vida, é considerá-lo em sua totalidade perspectiva e de multiplicidade, não dissociando a sua dimensão subjetiva das condições objetivas de sua produção. Esta concepção advém da posição teórico-metodológica adotada na pesquisa, fundamentada na Psicologia Social Crítica, que parte do materialismo histórico-dialético para propor uma abordagem voltada à transformação social por meio de uma *práxis* que busque responder às

demandas populares em realidades locais marcadas por processos desiguais, opressores e, ao mesmo tempo, elaborar novas formas de pensar o indivíduo, a subjetividade, o sujeito e outras categorias importantes para a psicologia (Machado & Lacerda Jr., 2022).

Deste modo, concordamos com Lane (1987), ao afirmar que “toda psicologia é psicologia social” (p.3), mas reivindicamos também a orientação de Martín-Baró (1996), para quem, a psicóloga e o psicólogo, na América Latina, podem conscientizar as pessoas, visando a superação de identidades alienadas e das condições opressivas do seu contexto social. Portanto, ressaltamos o compromisso político que assumimos na pesquisa, visando contribuir com as elaborações sobre o conceito de atingido e, conseqüentemente, com as organizações e coletivos que lutam pelos direitos dos atingidos, especialmente na região amazônica.

Metodologia: curso e correnteza

O curso desta pesquisa foi traçado para uma viagem em águas turbulentas, onde os banzeiros ou correntezas estão sempre presentes como movimento, fluxo, transformação e possibilidade de criação permanentemente. Os operadores conceituais e metodológicos foram utilizados na produção dos acontecimentos analisadores que funcionaram como táticas de navegação que nos guiaram entre a nascente e o estuário, percorrendo alguns dos grandes rios da Amazônia.

Estes rios são as nossas interlocutoras e nossos interlocutores, participantes e construtores dessa pesquisa-embarcação: Amazonas, Tapajós, Tocantins e Xingu. São duas mulheres e dois homens, moradores de comunidades tradicionais de Barcarena com idades entre 46 e 55 anos. Estas pessoas se disponibilizaram a participar da pesquisa, já tendo uma relação prévia com os pesquisadores, sendo incluídos na amostra devido seu histórico e envolvimento em associações, coletivos e movimentos que organizam e fazem a luta pelos direitos dos atingidos em Barcarena. Todos e todas concordaram em participar da pesquisa e tiveram as suas identidades preservadas com a garantia de anonimato.

Para a produção dos dados, utilizamos: a observação e o registro fotográfico; a produção de diário de campo como instrumento de registros cotidianos e vivências, mas também de articulação de formas de intervenção e implicação na pesquisa (Nascimento & Lemos, 2020); e de entrevistas semiestruturadas em caráter de profundidade, visando, não testar hipóteses e chegar a conclusões precisas e definitivas, mas sim compreender experiências que se manifestam por meio das narrativas como campo problemático da complexa rede de práticas articuladas paradoxalmente (Duarte, 2009).

Ao todo, realizamos oito visitas às comunidades de nossos interlocutores e nossas interlocutoras, entre dezembro de 2020 e setembro de 2021, ou seja, ainda durante a pandemia de Covid-19 e, portanto, utilizando de todas as estratégias importantes para a segurança e prevenção contra a contaminação pelo vírus, à época. Em todos estes encontros, além de entrevistá-los(as), realizávamos o exercício da observação-participante, buscando conviver ao máximo com eles(as), compartilhar do seu cotidiano e de seus modos de vida; em seguida, ao voltar para casa, tentávamos pensar as experiências, anotando no diário de campo os principais elementos possíveis de se apreender e refletir os acontecimentos por meio das visitas.

Nesta perspectiva, a narrativa que construímos parte das histórias de vida de pessoas reais, que se apresentam em permanente transformação, sendo criativas e ativas na recriação cotidiana de suas vidas. É possível também, partindo-se deste olhar, utilizar a narrativa das identidades (Lima & Ciampa, 2017) como expressão de fragmentos de resistência, de emancipação diante das dominações opressoras na atualidade histórica dos sujeitos narrados. Por fim, ao implementar esse modo de proceder a narrativa, é destacado na pesquisa o aprofundamento da análise face à generalização dos dados; isso quer dizer que, é a singularidade das pessoas que ganha centralidade para ceder um pouco de suas histórias para a realização do estudo ou, nas palavras de Lane (1987, p.10), a “preocupação com a objetividade do empírico abre espaço para a subjetividade como processo histórico”.

Neste sentido, as ferramentas de pesquisa empregadas correspondem aos caminhos de investigação da pesquisa, ao passo que o materialismo histórico-dialético diz respeito ao modo de analisar os dados produzidos e proceder à exposição de seus resultados. Deste modo, o procedimento metodológico deve ter como meta trabalhar com a matéria investigada “em seus detalhes, analisar suas diferentes formas de desenvolvimento e rastrear seu nexo interno. Somente depois de consumado tal trabalho é que se pode expor adequadamente o movimento real” (Marx, 2017, p. 90), isto é, fazer a exposição das práticas concretas em uma composição de investigação e exposição; o primeiro tem um percurso mais amplo, mais detalhado e o último consiste no “apoderamento da matéria, de seus pormenores, análise do desenvolvimento das suas diferentes partes e as conexões entre elas” (Robaina, 2020, p. 91).

É por isso também que, ao posicionar este trabalho na Psicologia Social Crítica, buscando contribuir na produção de conhecimento teórico – ainda que de modo ensaístico – em seu interior, reivindicamos a sua vertente marxista, aquela que é: 1. fundamentalmente baseada no materialismo-histórico-dialético, portanto; 2. assentada sobre a compreensão da

totalidade do ser – em outras palavras, “sem rupturas entre objetividade e subjetividade, indivíduos e sociedade, mente e corpo” (Sawaia, 2007, p. 83) e; 3. comprometida com a transformação da sociedade. Estas três características nucleares têm uma relação imanente e, ao mesmo tempo, derivam e são fundamentadas pelos três pilares da teoria social marxiana que, segundo Yamamoto (2016), são o método dialético, a unidade da teoria valor-trabalho e a perspectiva da revolução.

O método empregado, portanto, nos orienta em nossa perspectiva assumida sobre o sujeito e a sua produção. Se, por um lado, a noção de subjetividade com a qual o marxismo vai romper “é a que supõe o indivíduo na qualidade de ente abstrato e idealizado, por conseguinte, exterior às suas efetivas relações sociais. E nessa abstração, ele pode ser ‘modelado’” (Silveira, 2002, p. 109-110) – por outro, o método de Marx, “entende que não existem oposições dualistas/dicotômicas entre as instâncias sociais e individuais, objetividade-subjetividade, interno-externo” (Alves, 2020, p. 02).

É por isso que invocamos as contingências históricas implicadas na formação social e econômica da Amazônia com foco nos grandes projetos, por considerar o papel da história na produção dos sujeitos e destes na sua produção. Do mesmo modo, partimos da materialidade dos sujeitos, ou seja, de seus modos de vida em meios às suas relações econômicas, políticas, sociais e ideológicas, sabendo que a subjetividade não é abstrata, mas está inserida na realidade material dos sujeitos. Por fim, ressaltamos que o projeto desta pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Pará (ICS/UFPA), através do Parecer nº 4.477.619 de 20 de dezembro de 2020.

Os grandes projetos na Amazônia e a estratégia do capital

Em última instância, o que determina a existência de atingidos em todo o mundo é a produção de mercadorias enquanto fetiche. Existe uma contradição fundamental, que é própria do capitalismo e ganha mais relevância nos dias de hoje: de um lado, uma superprodução de bens de consumo de todo o tipo e, de outro, milhões de pessoas que passam fome, sede e não tem onde morar. Compreender essa contradição é encontrar a lógica que organiza todos os processos de exploração, dominação e violação de direitos.

A afirmação de Max (2015), de que “Os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem segundo a sua livre vontade, em circunstâncias escolhidas por eles próprios, mas nas circunstâncias imediatamente encontradas, dadas e transmitidas pelo passado” (p. 409), não

deve ser interpretada como expressão de um determinismo natural sobre o comportamento humano; nem devemos, tão pouco ignorar, que apesar de ressaltadas as condições objetivas legadas pela história, os seres humanos fazem sim a sua história como resultado da atividade humana sensível, subjetiva (Perez, 2018). O passado referido, que transmite as circunstâncias encontradas por cada geração no seu tempo presente, também é feito de pessoas reais, que transformaram a realidade e foram por ela transformadas

Deste modo, reconhecendo a existência dos atingidos, devemos nos perguntar: o que determina como eles existem? Quais são as circunstâncias e condições da realidade que fazem eles viverem do modo como vivem, fazerem o que fazem e morrerem como morrem? Fazer a sua própria história, para eles, da forma como é feita, não é uma questão de escolha, mas uma questão de sobrevivência e criação permanentes. Problematizar as determinações históricas para a produção de atingidos em Barcarena, portanto, implica em atentar para a dinâmica das contradições intrínsecas a essa produção. Contradições presentes em todos os níveis de apreensão dos modos de vida dos atingidos, que derivam e se desdobram desde uma contradição central e que, como nos ensina Althusser (1979), constitui-se como uma sobre-determinação que orienta e articula todas as outras, qual seja a produção de mercadorias como definidora de todas as relações sociais, políticas e ideológicas no capitalismo.

É por isso que, neste tópico, abordaremos alguns elementos centrais sobre o modo de estruturação dos grandes projetos na Amazônia, como definidores do modo de organização da estratégia capitalista na região, relacionando o acúmulo teórico da literatura sobre esta temática com as análises e interpretações próprias das atingidas e dos atingidos que entrevistamos. Com isto, pretendemos evidenciar que, apesar de os grandes projetos se constituírem com diferentes roupagens no território amazônico, existe entre eles um aspecto totalizante, que lhes confere unidade no objetivo final - a produção de mercadorias - e na consequência mais real - a produção de atingidos.

Segundo Porto & Rocha (2022), a Amazônia atualmente é marcada pelo neoextrativismo, caracterizado pela extraordinária rapidez de exploração dos recursos naturais, responsável por impactos produzidos sobre os territórios, riscos permanentes e desastres sociais e ambientais. Do mesmo modo, o neocolonialismo da fase financeira do capitalismo imperialista configura um “colonialismo interno” (González Casanova, 2007) que se fundamenta na “colonialidade na apropriação da natureza” (Assis, 2014) nas regiões periféricas do mundo.

A despeito do “novo”, porém, a Amazônia sempre foi estratégica para os objetivos capitalistas. Desde a “pré-história do capital” (Marx, 2017, p. 831), até às disputas entre as potências europeias pela dominação do seu território, a região amazônica se constituiu como entreposto militar, fonte de especiarias, matérias primas e mão de obra escrava/barata (Neto & Nunes, 2022). Até o final do século XVIII, boa parte da riqueza produzida na Amazônia, “por meio do comércio e outros compromissos, migrava para a Inglaterra, engrossando o processo de acumulação primitiva de capital” (Marques, 2019, p.51).

Na sequência, entre o final do século XIX e início do XX, a Amazônia passou por um novo momento de escrita da sua história, marcado por intensas transformações socioeconômicas. Ao lado de indígenas e da população negra (escravizada e recém “liberta”), a região passou a receber centenas de milhares de trabalhadores nordestinos que se dirigiam para os seringais; ao mesmo tempo, a produção da borracha amazônica chegou a atingir o nível mais alto das exportações brasileiras no seu auge final, integrando a região definitivamente nos circuitos da economia mundial. O extrativismo na Amazônia, por seu turno, legou a sua contribuição para o estabelecimento de uma nova hegemonia no mundo, pois na primeira década do século XX, “60% ou mais da borracha vendida em Nova York procediam da Amazônia” (Picoli, 2006, p. 27) e, durante a Segunda Guerra Mundial, o Brasil se comprometeu em abastecer exclusivamente a indústria norte-americana com a borracha amazônica.

Esse movimento repercutiu em um esforço de Estado voltado para a região, que se concretizou, entre as décadas de 1960 e 1980, em três Planos de Desenvolvimento da Amazônia (PDAs), na criação do Banco da Amazônia (BASA), da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), do Projeto Radar da Amazônia (RADAM) e da Companhia Vale do Rio Doce, dentre outras iniciativas e programas. Após a exploração de manganês na Serra do Navio a partir de 1945 e o Projeto Jari em 1967, os anos 1970 foram marcados pelo “ciclo do alumínio” (Pressler & Mathis, 2007, p. 50) iniciado com a exploração de bauxita no Rio Trombetas e a implementação do Projeto Grande Carajás (PGC) em 1977, voltado à exploração das 18 bilhões de toneladas de ferro da Serra dos Carajás e à produção de alumina e alumínio em Barcarena, atrelado à toda a infraestrutura energética (como a Hidrelétrica de Tucuruí) e de escoamento dessa produção.

Deste modo, consolida-se na Amazônia uma fase que, ampliando-se e diversificando-se ao longo do tempo, mas que subsiste até os dias de hoje, é marcada fundamentalmente pela

implementação da estratégia capitalista através dos grandes projetos. Castro (2019, p. 17-18), sintetiza as principais características do modelo operado pelos grandes projetos como:

1) constituem-se em enclaves, dos pontos de vista dos fluxos, do jogo global de concorrência e dos espaços de interconectividade, para além, portanto, da região de produção. Por isso, evidenciam um processo de desconexão com as estruturas locais/regionais, ou a sua não integração, o que tem levado a um valor agregado ínfimo, sem maior responsabilidade pela apropriação privada de riquezas públicas; 2) impõe uma dinâmica expansionista, processo contínuo de apropriação de novos territórios e de seus recursos naturais, para atender a produção de commodities - minerais, florestais e do agronegócio; 3) têm dinâmicas frequentemente acompanhadas de crimes relacionados à terra, como a grilagem, o desmatamento ilegal, a expulsão da terra de famílias de moradores (deslocamentos forçados e desterritorialização), assassinato de lideranças locais, inviabilidade de reproduzir a vida e o trabalho devido o desmatamento, a contaminação de mananciais, entre outros; 4) produzem alto grau de externalidades, não reconhecidas pelos empreendimentos como passivos, pois os mesmos não se vêem como produtores de danos sociais e ambientais; 5) e, por serem mega empreendimentos com produção intensiva, contém dois componentes de alto risco, a imprevisibilidade e a periculosidade, e cujo controle humano pela gestão e pela tecnologia, tem se revelado inconsistente, inseguro e ineficaz.

Os atingidos e as atingidas, por sua vez, ajudam-nos a dar materialidade aos aspectos que compõem a complexidade dos grandes projetos. Em seus modos de vida, em suas lutas cotidianas, em seus modos de produzir os seus meios de subsistência, na apreensão ante o imprevisível, eles e elas, a todo momento, estão caracterizando – em seus termos, em suas palavras e formulações – os grandes projetos não como algo abstrato, mas concreto, porque se fazem sentir concretamente na imediatividade de seu dia a dia. Tocantins nos dá uma noção da magnitude da construção dos grandes projetos, ao relatar sobre a quantidade de empregos para trabalhar nos canteiros de obra em Barcarena:

Essa situação aqui toda ela trouxe, de princípio, muitas pessoas pra Barcarena. Tinham mais de 10.000 empregos. Eram canteiros e canteiros de obra aí pra fazer... primeiro fazer.... hoje a Vila dos Cabanos, né? Muitos prédios; as casas pras pessoas, pros operários que iam trabalhar nas fábricas se alojarem. Depois precisava dos alojamentos pra essas pessoas ficarem, né? Dos alojamento, cozinha (Tocantins, 2020).

O processo que envolve, por sua vez, tanto a chegada de trabalhadores vindos de outras regiões para se empregar nos grandes projetos, quanto as ocupações de terra executadas por estas pessoas, por não terem onde morar, é descrito por Xingu (2020):

Vai ter várias e várias outras ocupações por aí, né? E nas ocupações a gente já sabe. Ah, o projeto chama o povo de fora, né? Chama o povo de fora, o povo de fora vem; vai ocupar seja onde for pra ele ficar, porque o prefeito não vai dar o quitinete pra ele, não vai dar um domicílio pra ele. Não! Então as pessoas de fora geralmente vem

né, com aquela... com aquele anúncio de emprego; quando chega às vezes nem sempre consegue logo, né? Muitos vem mesmo, mas não consegue; já não tem nem como voltar; já vai ficando, né?

Enquanto isso, Tapajós conta a história de como os grandes projetos chegaram no município desconsiderando totalmente os modos de vida das famílias tradicionais. Suas formas de moradia não foram respeitadas, tão pouco o significado que atribuíam à terra e aos rios, sua relação com o território e sua concepção de riqueza. Enquanto se dissociam das realidades locais, eles também promovem a degradação do meio ambiente pela apropriação privada dos recursos naturais, porém sem proporcionar a geração de qualquer tipo de valor agregado que compense as perdas ocasionadas, produzindo situações irreversíveis.

As empresas trazem muito impacto negativo pra dentro das comunidades; porque elas não respeitam a comunidade, entendeu? Tudo que a gente tinha, pra ela não significava nada. Era uma casa humilde, uma casa bem... bem humilde. Às vezes era de... de barro, era de palha. Então isso daí... “Olha, isso daí não é nada! Vocês vão ter emprego, vão fazer uma casa bonita, de alvenaria”. Pra ela isso não significava nada. Mas não era ali, a casa. Pra nós não era casa. Era a terra. Então era isso que... era o rio. Era isso que era nossa riqueza. E hoje não tem mais. Tem situações hoje, em relação aos território, irreversível. Não tem como voltar mais, não tem. Eu nem acredito que esse rio, hoje, possa ser revertido essa situação. É uma situação irreversível, porque é anos e anos aí impactado, entendeu? (Tapajós, 2021).

Já Amazonas (2021), expressa, do seu ponto de vista, a dinâmica global associada aos grandes projetos que, apesar de possuírem as suas estruturas físicas nos locais onde realizam a exploração dos recursos naturais – produzindo no mais das vezes produtos primários ou semimanufaturados – realizam o valor dessas mercadorias em sistemas de comércio internacionais, onde empresas de diversas nacionalidades se associam e, os lucros de suas transações, ficam em seus países de origem. Para ela, “*esses grandes projetos, são grandes projetos sim, mas que levam os lucros tudo pra fora*”; e complementa: “*Porque esse progresso ele não é daqui. Ele é daí de fora pra cá. Vai beneficiar? Sim! É Argentina, Argélia, Noruega, Estados Unidos, China, Japão*”.

Da mesma forma, o conjunto de crimes relacionados, tanto à apropriação privada dos territórios por parte dos grandes projetos – onde o que entra em jogo é não apenas a terra das famílias, mas também as suas vidas, principalmente daqueles que se negam a sair dos seus locais de moradia e produção ou lideram processos coletivos de resistência – quanto a contaminação de solos, de rios, inviabilizando formas tradicionais de subsistência, também é descrito pelos atingidos. Segundo Amazonas (2021), “*o primeiro grande crime foi a retirada do povo*” e Tapajós (2021) acrescenta: “*quando chegou o empreendimento eles não quiseram*

saber disso. Foram expulsando as famílias; foram destruindo tudo o que tinha. Destruindo sítio, destruindo roça, destruindo rio, destruindo tudo”. Toda essa destruição, por seu turno, impõe sérias dificuldades para as famílias sobreviverem, pois já não podem se alimentar do que, antes, eram as suas principais fontes de nutrição. “A gente, hoje, não pode mais pegar o peixe desse rio, o camarão, porque é muito comprometido de metais e outros rejeitos que têm dentro desse rio; além do esgoto” (Tapajós, 2021).

Aos deslocamentos forçados e à contaminação do meio ambiente, soma-se também a insegurança, a violência e, para os atingidos, a possibilidade de ser morto por não querer sair de seu território ou se contrapor aos grandes projetos. Amazonas (2021), em meio às ameaças que vive, como liderança local, avalia que, “depois desses grandes projetos, depois dessas empresas todas que vieram pra cá, veio muita gente que mata por um prato de comida”; ela reconhece os riscos que corre e sabe que, a sua luta, a sua posição contrária às violações de direitos dos atingidos, choca-se frontalmente com os interesses econômicos que determinam a forma de operar dos grandes projetos. “E sabe lá quantas vezes Deus não me livrou aqui na minha porta mesmo. Quantas vezes, porque pela forma como eu falo, de querer o que é de direito, o que é bom” (Amazonas, 2021).

A essas contradições, que transformam os modos de vida dos habitantes locais, interferem na sua cultura, em suas relações sociais, na sua subsistência, soma-se também a imprevisibilidade, o risco constante de que ocorram, a qualquer momento, novas situações que podem ocasionar efeitos ainda mais drásticos, rápidos e violentos sobre o meio ambiente e a vida das pessoas. Os atingidos em Barcarena olham para as bacias de rejeito das mineradoras e sentem medo, pois sabem o que já aconteceu em outras cidades que também possuem barragens da mineração; viram a morte, o desespero, as perdas e a destruição. Eles se sentem inseguros e desamparados, como Xingu (2020):

Eu sinto muita preocupação, mano. Eu moro aqui, eu amo morar aqui, mas ao mesmo tempo eu fico muito preocupada, porque esse lado aqui tá... é o acesso pra Hydro; essas terras aqui vem daí, e o que vier daí mano, vai atingir todo mundo pra cá; aí o nosso rio não vai prestar mais.

O rompimento de uma barragem é uma situação limite que mostra uma das faces mais perversas dos grandes projetos; é fruto da ganância, da ânsia por lucro e da produção desenfreada de mercadorias que só deixa a lama para os atingidos. Quando um crime desses ocorre, saltam aos olhos todas as demais características dos grandes projetos, sistematizadas a partir das pesquisas que os estudam, mas expressas na realidade mesma dos atingidos. Portanto, os grandes projetos na Amazônia, tal como se constituem na atualidade, são fruto

de um processo histórico inserido na formação social e econômica da região, e que merecem ser visualizados, pois suscitam também importantes elementos sobre algumas das principais determinações para a produção dos atingidos, desdobradas, todavia, desde a sobredeterminação da produção de mercadorias. No próximo item, analisaremos como os grandes projetos em Barcarena transformam os modos de vida dos atingidos, determinando a forma como estes são assim produzidos, a partir dos seus corpos, de suas relações sociais e econômicas, de sua cultura, de suas crenças, desejos e temores, de suas subjetividades.

As transformações nos modos de vida dos atingidos em Barcarena

Crimes e violências

Atualmente, Barcarena é um palco mundial, onde empresas subsidiárias de multinacionais estrangeiras repartem o seu território para extrair lucros exorbitantes e remeter aos seus países. Algumas das principais indústrias na região são a Albras a Alunorte, subsidiárias da norueguesa Hydro e a Imerys Rio Capim Caulim, pertencente à francesa Imerys. Junto a estas empresas, segundo Rodrigues (2019), o Complexo Industrial Portuário de Vila do Conde é composto por outros 23 agentes econômicos, em sua maioria voltados à prestação de serviços logísticos e de infraestrutura para as grandes indústrias.

Em meio a este aglomerado empresarial estão os atingidos, que perto ou distante das empresas, têm os seus modos de vida transformados. Evidentemente, os momentos mais emblemáticos onde se presenciam as transformações nos modos de vida dos habitantes locais são quando ocorrem os “acidentes” ou “desastres” no seguimento de produção das indústrias. Os atingidos, têm a sua própria interpretação desses acontecimentos e são enfáticos ao denunciá-los, chamando-os de crimes: *“eu não chamo de desastres, eu chamo de crimes. Eu chamo de crimes mesmo, ambientais, que ocorre dentro do município de Barcarena”* (Tapajós, 2021). Do mesmo modo, para Amazonas (2021), *“o primeiro grande crime foi a retirada do povo”* para a implantação dos grandes projetos, quando os moradores tradicionais de Barcarena foram deslocados forçadamente, desapropriados, expropriados e expulsos dos seus locais de origem. Entre os anos 1979 e 1984, 595 famílias foram retiradas de suas terras e, nos anos 1990, outras 180 foram remanejadas de suas comunidades para dar lugar às empresas (Moura et al. 1989; Farias, 2023).

Segundo Hazeu (2015), de 1993 a 2013, num período de 20 anos, 1.945 pessoas foram expropriadas de suas terras e, até 2015, mais de 5.700 encontravam-se sob ameaça de remoção. Durante a pesquisa de campo, pudemos acompanhar também, dezenas de famílias

sob ameaça de remoção, tendo que fazer os inventários de seus terrenos para receber parcas indenizações da Companhia de Desenvolvimento Econômico do Pará (CODEC). A expulsão das famílias de seus territórios como fato concreto, porém, vem acompanhada ou, na maioria dos casos, precedida, de toda uma estrutura discursiva no campo ideológico que busca convencer as pessoas de que a chegada das indústrias lhes proporcionará desenvolvimento e progresso.

Segundo Tocantins (2020), *“A implantação dos grandes projetos, eles eram propagados de que era pro desenvolvimento, né? Que ia gerar emprego, que ia melhorar a vida das pessoas; que as pessoas iam ter emprego, iam ter vidas melhores; mas não foi isso, né?”*. Nesse campo discursivo, seja para as empresas, seja para o Estado, os moradores tradicionais de Barcarena encontram-se no campo da barbárie e do atraso; a vida em um aglomerado urbano e a conquista de um emprego, portanto, significariam a passagem à civilização e à modernidade. Nas palavras de Tapajós (2021):

Os grandes projetos, eles trazem um discurso do desenvolvimento, né? Eles vêm com esse discurso: “Olha, tu vai ter emprego. Vai ter emprego pra ti, pro teu irmão”. Quando chegaram aqui, quando as empresa chegaram, meus irmãos ajudavam no sítio, na roça; pra caçar, pra pescar. Então eles chegaram, ó: “Toda tua família vai ter emprego. Não te preocupa...”. Falavam pro meu pai: “Vocês vão ter emprego. Seus filhos vão ser empregado tudinho”. Mas aí, esse emprego, como eu falei, foi o emprego na... na instalação, que era os piores empregos; que era pra cavar buraco, pra ser ajudante, pra se arriscar; principalmente pra se arriscar, que os piores emprego era... subia naqueles prédio alto lá que caía, se morresse já era; não tinha, depois não podia fazer nada. Então esses piores emprego (Tapajós, 2021).

A fala de Tapajós demonstra como os grandes projetos, ao prometerem progresso através de empregos para os atingidos, ao mesmo tempo em que lhes retiram de suas atividades de subsistência tradicionais, também lhes reservam os postos de trabalho mais degradantes, precarizados e mal remunerados, isso quando estes empregos existem de verdade, isto porque, ainda segundo nosso interlocutor, passada a fase de construção das empresas, eles só ficam com aqueles trabalhadores que tem “qualificação profissional”. É por isso que, segundo Loureiro (1990), os grandes projetos, além de não resolverem a questão do desenvolvimento, promovem a miséria, a fome e o sofrimento, ao retirarem o “habitante local” do contato com a natureza, de onde podia tirar livremente os meios necessários para a sua subsistência.

O progresso e o desenvolvimento, propagandeados tanto pelo Estado quanto pelas empresas presentes em Barcarena, seguem a mesma lógica das políticas de colonização e

integração adotadas no conjunto da região amazônica. Os agentes desse discurso, mais uma vez, soerguem-se como arautos da civilização e provedores de oportunidades de melhores dias aos bárbaros e incautos moradores locais. As promessas de emprego, crescimento econômico e elevação da qualidade de vida visam, sobretudo, pacificar as comunidades, convencê-las e fazê-las aceitar de bom grado a instalação dos grandes projetos, ao acreditarem que eles seriam fonte de salvação e sobrevivência. De acordo com Maia (2016, p. 198), “A crença no desenvolvimento impunha uma concepção alienante de que o progresso erradicaria a pobreza e disponibilizaria a riqueza a todos”.

O que vemos, porém, para os moradores de Barcarena, é o contrário do progresso. É uma secessão de inúmeros outros crimes que têm efeitos colaterais ainda mais graves sobre, principalmente, a saúde dos atingidos e de toda a população regional. Após os discursos desenvolvimentistas e a expulsão das pessoas de seus territórios tradicionais ocorreram, ao longo dos anos, inúmeras externalidades que provocaram transformações em várias dimensões dos modos de vida dos atingidos. Ao todo, entre 2000 e 2021, ocorreram 26 crimes de diferentes escalas e proporções em Barcarena, cometidos por diferentes empreendimentos e empresas, impactando os rios, o solo e o ar da região (Steinbrenner et al, 2020; Coutinho, 2023).

Entre naufrágios de embarcações – com o vazamento de óleo ou a morte e decomposição de animais nos rios – formação de nuvens de fuligem na cidade, vazamentos, transbordos e lançamentos ilegais de rejeitos da mineração em cursos d’água, Barcarena tem o conjunto de sua população produzida como atingida, em decorrência das transformações provocadas por estes crimes nos modos de vida dos seus habitantes. Com o ar, o solo e a água poluídos, como continuar vivendo da mesma forma? Com os peixes, os camarões e os frutos contaminados, como seguir a mesma lógica de alimentação de sempre? Com o medo e a apreensão da ocorrência de novos “acidentes”, como ter paz e tranquilidade no dia-a-dia?

Saúde e adoecimento

Como já mencionamos anteriormente, uma das principais e mais alarmantes consequências dos crimes praticados pelos grandes projetos em Barcarena é o adoecimento da população local, principalmente nas comunidades que dependem diretamente do rio para sobreviver, mas também do conjunto da população que, a despeito da quantidade de riquezas produzidas no município, não tem acesso a diversos serviços essenciais de saúde públicos. Xingu, que é ribeirinha do Furo do Arrozal e Agente Comunitária de Saúde, sabe bem disso.

Ela acompanha de perto dezenas de famílias que têm as mais diversas demandas de saúde: mulheres grávidas, crianças com necessidades especiais, idosos com inúmeras doenças, pessoas acometidas de alergias e outras infecções. Ela sabe, também, que muitas das doenças que afetam as famílias locais são decorrentes do consumo ou do contato com a água do rio contaminada que, por sua vez, é uma consequência dos grandes projetos em Barcarena.

Eu vejo assim, que a comunidade precisa sim ainda de uma outra forma de distribuição de água, que não seja esse barquinho deixando dois baldes pra cada família, soma 4 por semana. 4 baldes por semana não dá, mano; não dá, né? [...] Ainda existe famílias na minha área que quando não vem essa água que eles deixam, a família pega do rio. Isso é triste a gente saber que a família.... Ninguém vai morrer de sede, né? A família ainda pega do rio; ainda existe. A família pega do rio, mesmo a gente orientando o.... Tipo, o tamanho da gravidade de você consumir água do rio. Mas não tem jeito; a pessoa precisa e às vezes não tem uma canoa pra vir buscar (Xingu, 2020).

Ninguém vai morrer de sede. Mas e quando, não morrer de sede, significa morrer aos poucos por intoxicação? Estudos realizados pelo Laboratório de Química Analítica e Ambiental (LAQUANAM) da UFPA já comprovaram que a água dos rios de Barcarena é imprópria para o consumo. Em amostras coletadas, metais pesados como alumínio, chumbo, selênio, ferro e cádmio foram encontrados em porcentagens muita acima dos padrões permitidos pela legislação brasileira. Em associação com outros fatores – como a diminuição de oxigenação da água, elevação do pH e turbidez – decorrentes do lançamento de efluentes da mineração nos rios, provenientes dos grandes projetos, eles contaminam e causam a mortandade da vida marinha na região, provocando nas pessoas, seja pelo consumo do peixe, do camarão, seja pela ingestão ou contato com a água, inúmeras doenças, como Alzheimer, disfunção renal, problemas no sistema nervoso, hemorragia pulmonar, câncer, dentre outras, que podem até levar à óbito (Pereira, 2019).

A negação do direito à saúde das comunidades em Barcarena, contudo, não é uma invenção dos grandes projetos. É histórico o descaso por parte do Estado e a falta de políticas públicas de saúde voltadas principalmente às famílias ribeirinhas. Antigamente, segundo Tocantins (2020), “*não tinha atendimento de saúde. Por exemplo: tinha um posto de saúde em Barcarena, o hospital misto lá; tinha o médico, tinha o dentista e o enfermeiro... e era isso*”. Mas com o início da edificação dos grandes empreendimentos, com o processo de migração e chegada de novas pessoas na região, os atingidos passaram a sentir a sua saúde ameaçada: “*Então o município acaba assim vendo também... inchando. Aí vem coisas que você... sente assim também aquela preocupação da questão da saúde, né? Você tem também*

peessoas que vem doente, né? Com problemas de doenças transmissíveis” (Tocantins, 2020). Os atingidos reconhecem a materialidade dos fatores sociais implicados no adoecimento, do mesmo modo, Xingu (2020) destaca a dimensão subjetiva, no campo do adoecimento mental:

Não precisa nem tu vê uma ferida na pessoa pra te dizer que a pessoa tá doente, né? Não precisa você vê um ferimento na família pra você dizer “ah, a família tá doente porque tá ferida”. Não, gente. Ele vai adoecer, porque ele... ele vai adoecer. Vai adoecer financeiramente; vai adoecer psicologicamente, né? Enfim, enfim, né? Então eu creio que esses grandes projetos tem muito... a gente ainda ver pessoas falar é... Que tão felizes, né? Mas eu tenho uma grande preocupação, gente.

Por sua experiência, Xingu já sabe que não precisa ver uma ferida em uma pessoa para saber que ela está doente; ela sabe, também, que o adoecimento não é apenas individual, mas coletivo, pois a família inteira adocece, e não é só fisicamente – adocece também financeiramente, psicologicamente. O adoecimento, enfim, é objetivo, pois se manifesta no corpo, nas condições materiais de vida, como a moradia e a alimentação, mas ele também é subjetivo, dado que ocorre a nível do sentimento, das emoções, dos desejos e afetos. Do mesmo modo, é neste mesmo registro, das dimensões objetivas e subjetivas, individuais e coletivas, particulares e gerais que, de acordo com Alves (2020), processa-se a articulação entre as determinações para a produção da realidade, das pessoas como seres sociais e, portanto, dos atingidos; neste caso, como atingidos que têm o seu direito à saúde não apenas negado, como sistematicamente violado.

O sagrado e o cultural

Muitas coisas... culturas que... que tipo você fazia uma reunião, você fazia uma... Dentro do aspecto religioso, por exemplo, uma celebração que a gente fazia; as famílias dia de sábado, de domingo, tinha aquela cultura de missa, ladainha, reza e coisa e tal. Isso perdeu, isso você... acabou. Outra coisa que chega também muito é pulverização de religiões, né? De igrejas, muitas igrejas, cada uma com uma ideologia, com uma.... Então você vê assim uma... uma mistura (Tocantins, 2020).

Os grandes projetos, com sua ideologia do progresso, do desenvolvimento e do enriquecimento fácil estimulam o individualismo e a competitividade – reproduzindo o modelo hegemônico de produção de subjetividades desde o início da era moderna (Almeida, 1999). Onde antes vigorava o associativismo, o companheirismo e a cooperação passaram a existir a concorrência e a meritocracia. Com a introdução dessas mudanças a nível dos costumes e valores nas comunidades, perderam-se experiências coletivas tradicionais como o time de futebol comunitário, a organização de bingos, da rainha do clube e os mutirões. Do mesmo modo, com a chegada de novas igrejas e a pulverização de religiões, muitas famílias

que antes eram católicas e tinham uma cultura de ir à missa, fazer rezas e ladainhas aos finais de semana também deixaram de ter essas práticas. Ao mesmo tempo, as novas igrejas, em sua maioria evangélicas, passaram a disseminar também novos costumes e uma nova moral entre os moradores, modificando também os seus hábitos e seus modos de vida.

Mas uma das transformações mais sensíveis, e que se relaciona com os crimes praticados pelos grandes projetos, com a perda do acesso aos meios de subsistência tradicionais, como o rio como meio de vida, é aquela que diz respeito à inviabilização do lazer como antes era praticado pelos atingidos. O lazer associado ao uso recreativo do rio – uma prática que remonta aos ancestrais mais longínquos das famílias que originalmente habitam Barcarena e que, devido à poluição e contaminação nos cursos d'água deixou de ser realizada.

As práticas tradicionais, por exemplo: tomar um banho de igarapé. A gente fazia muito isso. Então a gente.... A nossa diversão dentro do rio era diariamente; a gente fazia... a gente fazia no rio. Não só ir pra pegar o peixe, o camarão; mas a gente também mantinha a nossa diversão dentro do rio. Porque o rio ele era tão bom, tão bom que a gente tomava a água rio (Tapajós, 2021).

Sem dúvida, para os ribeirinhos, moradores de comunidades tradicionais margeados pelos rios, descendentes de indígenas e quilombolas amazônicos, o rio não é apenas um meio de vida de onde são extraídos meios de subsistência, como alimentos e água para consumo, mas ele também é fonte de identidade, local de afirmação de uma cultura e de uma ancestralidade, onde, segundo Santos et al. (2015), as múltiplas formas do seu uso determinam modos de vida específicos. Porém, no concurso das consequências desencadeadas pelos grandes projetos em Barcarena, estes modos de vida foram sistematicamente transformados, no que pese a perda de referência dos moradores das comunidades no rio como local de lazer e divertimento.

Os atingidos são produzidos ao terem, devido aos grandes projetos, sofrido ao longo do tempo intensas transformações na sua relação com o rio e, portanto, em seus modos de vida que antes se fundamentavam no convívio permanente, saudável e seguro com o rio como um meio de subsistência, lugar de lazer e diversão. Essas transformações, que produzem os atingidos, tem fatores e consequências do plano objetivo – a poluição contamina a água que impede o consumo de peixes e o banho no rio – e do plano subjetivo – o antagonismo nas concepções de recurso natural entre as comunidades tradicionais e os grandes projetos, onde o que prevalece é a concepção dos últimos, desencadeia mudanças substanciais na relação cultural, simbólica e espiritual dos atingidos com estes recursos. Imposta pelo exercício

violento da dominação, a ideologia da classe dominante subjugou e subsumiu a ideologia dos dominados. Todas as transformações ideológicas, por sua vez, foram acompanhadas de transformações materiais e vice-versa. Este processo de determinações mútuas e recíprocas pode ser visto de forma emblemática na história de Tapajós (2021):

Eu chamo de sagrada e cultural, por conta do respeito que a gente tem com... com o rio, com a floresta, com tudo. Então é.... A minha mãe tinha.... O rio pra ela, não era só tirar a matéria-prima, era uma relação cultural. A louça dela... ela era utilizada como os povos originários utilizavam. [...] Aqui tem ainda o... a matéria... o barro que tem dentro do rio; mas por conta dessa poluição que tá dentro do rio Murucupi a gente é... perdeu a qualidade. [...] E quando eu chamo que a nossa relação era sagrada, porque a gente não entrava no rio sem pedir a licença de tomar um banho. Então eu vou primeiro pedir licença pra mãe d'água. Pra entrar numa floresta eu peço licença pra mãe do mato. Então a nossa relação.... É por isso que é cultural. É sagrado-cultural, porque nós temos esse respeito, entendeu? Então era esse o processo, e hoje, infelizmente.... Hoje infelizmente a gente não tem mais essa vida que tinha antes, por conta da chegada desse... desses empreendimentos, desse complexo industrial em Barcarena.

Tapajós e tantos outros atingidos herdaram dos seus antepassados uma forma sagrada e cultural de se relacionar com os recursos naturais. Uma relação que envolve, portanto, aspectos espirituais, religiosos, decorrentes das crenças e do imaginário herdados dos povos originários da região amazônica; mas é uma relação, também, que envolve aspectos culturais, que dizem respeito a forma de se relacionar com o rio, com a floresta, tendo em vista a produção dos bens necessários à sobrevivência. O respeito ao rio e à floresta, representados na Mãe d'água e na Mãe do mato, está diretamente ligado, tanto à crença na atividade protetiva, julgadora e punitiva das entidades mitológicas do panteão sincrético amazônico, quanto à forma de uso dos recursos naturais, de modo racional e voltado apenas ao suprimento das necessidades, não ao acúmulo de riquezas. O sagrado e o cultural se misturam, se fundem e se tornam um só, unificados na subjetividade constituída por Tapajós. Mas essa relação não é uma construção unicamente do plano subjetivo. Ela tem por base a realidade concreta e, ao mesmo tempo, produz essa realidade.

Lutas e resistências

Na medida em que, através da luta, muitos atingidos buscam transformar as realidades onde estão inseridos, eles também transformam a si mesmos. Este é o caso dos atingidos interlocutores desta pesquisa e de tantos outros que, assim como eles, organizam-se, lutam e resistem contra os grandes projetos e em defesa de seus direitos, da vida e do meio ambiente. A luta é, portanto, um dos principais fatores que determinam a produção destes atingidos.

Através da luta esta produção acontece como síntese do imperativo marxiano de que os homens fazem a sua própria história (Marx, 2015), portanto, fazem a si mesmos, são os sujeitos da sua produção. Mas a luta é resultado das contradições e antagonismos que opõe os atingidos e os grandes projetos; logo, os primeiros são produzidos, e produzem-se a si mesmos, como resultado da existência material destes últimos.

Obviamente, entre o conjunto da população de Barcarena que é produzida como atingida pelos grandes projetos, muitos não se consideram atingidos por não associarem essa identidade aos afeitos provocados pelos grandes projetos em suas vidas e, a maioria, não participa dos processos de luta e enfrentamento. Mas as atingidas e os atingidos que entrevistamos para esta pesquisa, todas e todos fazem parte de coletivos, associações e movimentos sociais que resistem e reivindicam os seus direitos. No caso destes últimos, os seus modos de vida estão inteiramente impregnados de luta. Como Amazonas (2021), que resume a sua vida como *“uma vida de luta. É lutar pra tudo”*.

Enquanto isso, Tapajós (2021), ao falar das transformações provocadas nos modos de vida dos atingidos pelos grandes projetos e, prevendo os desafios, dificuldades e enfrentamentos que se avizinham com os novos que estão chegando, formula que *“A gente tem luta em movimento dentro de Barcarena”*. Luta em movimento é uma expressão que ele mesmo criou para designar, ao mesmo tempo, a dinâmica e constância dos processos de resistência dos atingidos em Barcarena. A luta não apenas não para, como está em constante transformação, pois a cada dia são novos agentes, acontecimentos e contradições que violam os direitos dos atingidos na região.

Mas essa luta não é apenas daqueles que hoje em dia encampam a resistência, ela é um legado histórico daqueles que lutaram – como também daqueles que não conseguiram ou não puderam lutar – desde que os grandes projetos foram anunciados, chegaram e começaram a se implantar em Barcarena. Palheta (2004) e Silva e Costa (2023) sistematizam uma série de lutas empreendidas pelas associações de moradores e trabalhadores rurais quando do processo de instalação das primeiras indústrias de transformação mineral, com destaque para as ações da Associação dos Desapropriados de Barcarena (ADEBAR), fundada em 1984 e com o objetivo principal de reivindicar indenizações justas pelas desapropriações forçadas e organizar os moradores ameaçados por novos deslocamentos para lutarem pela garantia dos seus direitos. Existe, portanto, um legado de luta que se materializa como acúmulo histórico para sintetizar os processos atuais de resistência em torno dos direitos dos atingidos, da

afirmação de identidades e do enfrentamento aos novos grandes projetos. Segundo Tapajós (2021):

Hoje, graças a Deus, que a nossa evolução hoje, dos filhos, que a maioria dos herdeiros das terras mesmo de Barcarena já morreram. Hoje são os filhos que lutam. Então hoje, que a gente pegou a briga dos pais, dos avós... a gente pegou a briga deles hoje e graças a Deus a gente evoluiu. Então hoje, com a nossa evolução, a gente hoje tá defendendo aquilo que era de direito.

A evolução que Tapajós se refere diz respeito ao processo histórico de aprendizado dos atingidos a partir de sua experiência concreta de luta contra os grandes projetos. Eles aprenderam na prática que a única forma de garantir direitos é através da organização e da luta popular, pois “*essas grandes empresas aí não é só flores não, né? A maioria da parte é danos mesmo pro nosso ambiente, né?*” (Xingu, 2020). Do mesmo modo, de acordo com Tocantins (2020), os grandes projetos não representam o progresso e desenvolvimento para todos como pregam; por isso ele busca conscientizar as pessoas que pensam que “*o projeto é tudo aquilo de melhora, que não é verdade, né? Ele vai ser benéfico pra poucas pessoas, né? Muito... a maioria não vai se beneficiar desse projeto*”.

Atualmente, existem dezenas de movimentos populares, associações de moradores, trabalhadores e centros comunitários em Barcarena que organizam e articulam milhares de atingidos pelos grandes projetos. Essas organizações têm eminentemente um caráter classista, pois congrega trabalhadores e trabalhadoras, sejam agricultores familiares, sejam trabalhadores urbanos dos mais diversos seguimentos. Um dos aspectos centrais das suas lutas, deste modo, está relacionado à defesa do seu direito mais essencial enquanto trabalhadores: o direito ao trabalho; e não apenas ao trabalho, como também às condições para poder trabalhar, isto porque eles são trabalhadores que também são atingidos, e é como atingidos que eles se veem violados enquanto trabalhadores quando têm as suas práticas tradicionais de subsistência inviabilizadas pela ação destrutiva dos grandes projetos sobre o meio ambiente. Antes de serem atingidos, portanto, todos são trabalhadores, e por terem os seus modos de vida transformados como trabalhadores, eles foram produzidos como atingidos pelos grandes projetos.

Estuário ou considerações finais

O estuário de um rio não é o seu fim, pelo contrário, é quando ele se torna maior, mais forte e chega mais longe, deixando de ser apenas um só e tornando-se, portanto, a síntese de vários outros. O estuário, deste modo, ao mesmo tempo em que resulta de um conjunto de

cursos e confluências, ele inaugura o alto-mar; nele, conhecendo por onde já se passou, pode-se divisar com maior nitidez o caminho que há pela frente. Por isso que terminamos falando sobre as lutas e resistências, porque elas são um dos principais elementos que fundamentam os modos de vida dos atingidos com quem trabalhamos nessa pesquisa. São elas que articulam os vários níveis da produção das suas subjetividades. As subjetividades atingidas, portanto, são a expressão do modo como os atingidos são produzidos pelos grandes projetos enquanto sujeitos, a nível de suas singularidades, mas também de suas relações sociais e coletivas, a partir de seus meios de subsistência e atividades econômicas, mas também de suas crenças, concepções e formações ideológicas, dos seus corpos e de suas histórias, mas também das determinações macroeconômicas que orientam a implementação da estratégia do capital na Amazônia através dos grandes projetos.

Deste modo, a formulação, ainda que parcial e provisória sobre subjetividades atingidas diz respeito ao modo particular de conceber os atingidos desdobrado dos resultados desta pesquisa. Subjetividade atingida quer dizer que os atingidos não são atingidos apenas no seu corpo, no seu território, no seu trabalho, em suas relações sociais etc., ou seja, materialmente, mas são também atingidos em seus sentimentos, suas emoções, desejos, projeções sobre a realidade, enfim, em sua subjetividade. Ao mesmo tempo, subjetividade atingida refere-se a uma configuração específica de subjetividade que é produzida no âmbito do sujeito atingido, quer dizer, ao ser produzido como atingido, o atingido passa a ter uma subjetividade que é produzida como atingida. De um lado, o atingido *tem a sua* subjetividade atingida, ele é atingido em *sua* subjetividade, de outro, ele possui uma subjetividade que *passa a ser* atingida, *que é* atingida como produto do processo total de produção do ser social atingido.

Os grandes projetos em Barcarena, portanto, ao mesmo tempo em que exportam milhões de toneladas de minérios e tantas outras mercadorias, realizando seus valores em diversas partes do mundo e gerando, para suas empresas e acionistas, bilhões de dólares em lucros, também transformam os modos de vida dos habitantes locais, produzindo-os como atingidos, seja expulsando-lhes de suas terras e contaminando seus rios, seja suscitando-lhes (des)ilusões, frustrações, preocupação, revolta ou sentimento de fracasso. Mas os atingidos também efetivam a sua existência, isto é, produzem-se a si mesmos, objetiva e subjetivamente, na medida em que constroem, sobre os grandes projetos, suas próprias definições, representações e narrativas e, ao mesmo tempo, empreendem processos

organizativos, de luta, resistência e contestação frente às empresas e em busca de seus direitos.

Os atingidos pelos grandes projetos em Barcarena, no modo como são produzidos, isto é, na expressão objetiva e subjetiva, individual e coletiva, econômica e ideológica das transformações provocadas em seus modos de vida, são a síntese real da afirmação de que a definição do conceito de atingido está diretamente ligada à garantia ou violação dos seus direitos e que, ao mesmo tempo, estes direitos só são conquistados com luta. Eles são como rios, que têm suas nascentes, seguem um curso com banzeiros e marés, encontram-se com outros em confluências e bifurcam-se virando vários rios até que, finalmente, deságuam no estuário onde se tornam um só.

REFERÊNCIAS

Almeida, Juracy Armando Mariano. Identidade e contexto social: projetos, armadilhas e emancipação (Dissertação de mestrado em psicologia social). PUC-SP, São Paulo, Brasil.

Althusser, Louis. (1979). *Contradição e Sobredeterminação (notas para uma pesquisa)*. In: Althusser, Luis. *A favor de Marx*. Título original *Pour Marx*. Trad. Dirceu Lindoso. Rio de Janeiro: ZAHAR EDITORES.

Alves, Alvaro Marcel. (2020). O método materialista histórico-dialético: alguns apontamentos sobre a subjetividade. *Revista de Psicologia*, UNESP vol. 9, n. 1, p. 01-13.

Amazonas. *Entrevista III*. (2021). Entrevista concedida a Robert Damasceno Monteiro Rodrigues em março de 2021. Barcarena.

Assis, W. F. T. (2014). Do colonialismo à colonialidade: expropriação territorial na periferia do capitalismo. *CADERNO CRH*, Salvador, v. 27, n. 72, p. 613-627, Set./Dez.

Becker, Berta K. (1979). *Amazônia*. 5ª ed. São Paulo: Editora Ática.

Castro, Edna. (2019). Estratégias de expansão territorial de empresas minerais na Amazônia e desastres socioambientais. In: Castro, Edna. & Carmo, E. C. (org.). *Dossiê desastres da mineração em Barcarena* (pp-17-32). Belém: NAEA: UFPA.

Coutinho, E. C. da S. et al. (2023). Grandes projetos minero-metalúrgicos e seus danos socioambientais: a história do distrito industrial de Barcarena. *Revista Foco*, Curitiba, vol. 16, n. 3 p. 01-14.

Duarte, N. (org.). (2009). *Crítica ao fetichismo da individualidade*. Campinas: Autores Associados.

González Casanova, Pablo. (2007). Colonialismo interno (uma redefinição). In: *A teoria marxista hoje. Problemas e perspectivas* (pp.431-458). Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO).

Hazeu, M. T. (2015). *O NÃO-LUGAR DO OUTRO: sistemas migratórios e transformações sociais em Barcarena*. (Tese de Doutorado) – Universidade Federal do Pará,

Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, Belém.

Lane, S. T. M. (1987). “Prefácio”. In: Ciampa, A. C. *A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de psicologia social* (pp-9-11). São Paulo: Brasiliense.

Farias, André Luis Assunção de. (2023). Impactos e conflitos socioambientais de grandes projetos na Amazônia: até quando Barcarena/PA será uma zona de sacrifício? *Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis*, Florianópolis, v. 20, p. 01-21.

Lima, Aluísio Ferreira de & Ciampa, Antonio da Costa. (2017). “Sem pedras o arco não existe”: o lugar da narrativa no estudo crítico da identidade. *Revista Psicologia & Sociedade*, vol. 29, p. 1-10.

Loureiro, Violeta Refkalefsky. (1990). Amazônia: história e perspectivas. Reflexões sobre a questão. *Revista Pará Desenvolvimento*, IDESP, Belém. v. 26, p. 3-23.

MAB. (2021). *MAB 30 anos de lutas: a força dos atingidos e atingidas*. São Paulo: Movimento dos Atingidos por Barragens. Recuperado de: file:///C:/Users/ticrp/Downloads/MAB-30anos-cartilha_baixa_VISUALIZACAO.pdf. Acesso em 12 de dezembro de 2024.

Machado, Gabriela Pedroso & Lacerda Júnior, Fernando. (2022). Marxismo e psicologia comunitária: uma relação presente na psicologia brasileira? *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, vol. 71, n. 27, p.1-21.

Marques, Gilberto de Souza. (2019). *Amazônia: riqueza, degradação e saque*. – 1. Ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2019.

Marques, Rita de Cassia; Silveira, Anny Jackeline Torres & Pimenta, Danise Nasif. (2020). A pandemia de Covid-19: interseções e desafios para a história da saúde no tempo presente. In: Reis, T. S.; Souza, C. M.; Oliveira, M. P. & Lyra Junior, A. A. (orgs.). *Coleção história do tempo presente (volume III)*. Boa Vista: Editora da UFRR.

Maia, Roseane de Oliveira Martins. (2016). *Territorialidades específicas em Barcarena confrontadas com projetos de “desenvolvimento”*. (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Pará. Belém: NAEA/UFPA. Recuperado de: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/9062>.

Martín-Baró, Ignacio. (1996). O Papel do Psicólogo. *Estudos de Psicologia*, 2(1), p. 7-27. Recuperado de: <https://www.scielo.br/pdf/epsic/v2n1/a02v2n1.pdf>.

Marx, Karl. (2015). O 18 Brumário de Luis Bonaparte. In: Marx, Karl. *A revolução antes da revolução*. 2ª. ed. São Paulo: Expressão Popular.

Marx, Karl. (2017). *O Capital: crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital*. Trad. Rubens Enderle. – 2ª ed. – São Paulo: Boitempo.

Marx, Karl. & Engels, Friedrich. (2007). *A Ideologia Alemã*. Trad. Rubens Enderle, Nélio Schneider, Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo.

Moura, Edila; Maia, Maria Lúcia Sá; Abelém, Auriléia (Orgs.). (1989). *A reorganização do espaço de trabalho e do espaço doméstico das famílias de Barcarena: os efeitos do projeto Albrás-Alunorte*. Belém, PA.

Nascimento, Maria Livia do & Lemos, Flávia Cristina Silveira. (2020). A pesquisa-intervenção em psicologia: os usos do diário de campo. *Barbarói*, Santa Cruz do Sul, n. 57, p. 239-253, jul./dez.

Neto, J. M. B. & Nunes, F. A. (2022). *Estudos amazônicos em revista volume 1*. Ananindeua, PA: Editora Cabana.

Palheta, Rosiane Pinheiro. (2005). *Movimentos sociais e reivindicações populares em torno das empresas de transformação mineral em Barcarena: um estudo da atuação das associações de moradores e trabalhadores rurais*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Curso Internacional de Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento, Belém.

Pereira, Simone de Fátima Pinheiro. (2019). Desastres Sócio-Étnico-Técnico-Ambientais em Barcarena. In: Castro, Edna. & Carmo, E. C. (org.). *Dossiê desastres da mineração em Barcarena* (pp-81-90). Belém: NAEA: UFPA.

Perez, Davi Machado. (2018). Método, Ideologia e Estado: aproximações a partir do legado marxiano. *Rev. Katál.*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 147-156, jan./abr. Recuperado de: <https://www.scielo.br/j/rk/a/fRNvXNqBP7F8vDKFbdKyjt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 de setembro de 2021.

Picoli, Fiorelo. (2006). *O Capital e a Devastação da Amazônia*. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular.

Porto, M. F. De S. & Rocha, D. (2022). Neoextrativismo, garimpo e vulnerabilização dos povos indígenas como expressão de um colonialismo persistente no Brasil. *Saúde em Debates*, Rio de Janeiro, v. 46, n. 133, p. 487-550.

Pressler, Neusa & Mathis, Armin. (2007). Da ação social à relação social: estudo das práticas de comunicação no complexo industrial de Barcarena. In: Mathis, A.; Coelho, M. C.; Simonian, L. & Castro, E. (orgs). *Poder local e mudanças socioambientais* (pp.47-72). Belém: NAEA/UFPA, 2007.

Robaina, Roberto. (2020). Marx e Hegel: ruptura e continuidade no método dialético. *Revista Dialectus*, ano 9, n. 18, p. 86-101.

Rodrigues, Jondison Cardoso. (2019). Novos corredores e projetos de infraestrutura logística e apontamentos para novos desastres em Barcarena. In: Castro, Edna. & Carmo, E. C. (org.). *Dossiê desastres da mineração em Barcarena* (pp-183-198). Belém: NAEA: UFPA.

Santos, Andreia dos; Souza, Aldo Luiz Fernandes & Tozi, Shirley Capela. (2015). *Comunidades Tradicionais da Amazônia: rio enche a vida do homem de motivações, tecendo o modo de vida regional*. Anais do XI Encontro Nacional da ANPEGE. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (ANPEGE), Presidente Prudente, pp. 6281-6291.

Sawaia, Bader Burihan. (2007). Teoria Laneana: a univocidade radical aliada à dialética-materialista na criação da psicologia social histórico-humana. *Psicologia & Sociedade*, vol. 19, Edição Especial n. 2, p. 81-89.

Silva, L. De S. & Costa, V. M. T. (2023). Memórias, lutas e identidades das mulheres “filhas de Barcarena”. *Amazônica – revista de antropologia*, vol. 15, n.1, p. 147-171.

Silveira, Maria Lúcia Souza da. (2002). Algumas notas sobre a temática da subjetividade no âmbito do marxismo. *Revista Outubro*, n. 7, p. 103-113.

Steinbrenner, R. A.; Neto, G. G.; Bragança, P. L. & Castro, E. M. R. (2020). Desastre da mineração em Barcarena, Pará e cobertura midiática: diferenças de duração e direcionamentos de escuta. *Reciis – Rev Eletron Comum Inf Inov Saúde*. n. 14, v. 2, abr.-jun. p. 307-328.

Tapajós. *Entrevista IV*. (2021). Entrevista concedida a Robert Damasceno Monteiro Rodrigues em março de 2021. Barcarena.

Tocantins. *Entrevista I*. (2020). Entrevista concedida a Robert Damasceno Monteiro Rodrigues em dezembro de 2020. Barcarena.

Vainer, Carlos Bernardo. (20005). Conceito de “atingido”: Uma revisão do debate. In: Rothman, Franklin Daniel. *Vidas Alagadas – Conflitos Socioambientais, Licenciamento e Barragens (pp-39-63)*. Viçosa, MG: Ed. UFV.

Xingu. *Entrevista II*. (2020). Entrevista concedida a Robert Damasceno Monteiro Rodrigues em dezembro de 2020. Barcarena.

Yamamoto, Oswaldo Hajime. (2016). A atualidade do método de Marx. In: Oliveira, I. F.; P, I. L.; Costa, A. L. F.; Coelho-Lima, F. & Amorim, K. (orgs.). *Marx hoje: pesquisa e transformação social* (pp. 25-42). 1ª ed. São Paulo: Outras Expressões.

Dados dos autores:

- *Robert Damasceno Monteiro Rodrigues*: Psicólogo formado pela UFPA. Mestre e doutorando em Psicologia no PPGP/UFPA. Professor de Psicologia na Faculdade Faci Wydem. Psicólogo Fiscal no Conselho Regional de Psicologia da 10ª Região Pará e Amapá (CRP-10). Militante do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB).
- *Pedro Paulo Freire Piani*: Formado em Psicologia na UFPA (1991). Mestrado na área de Sociologia da Saúde pela Universidade Metodista de São Paulo (2002) e Doutorado em Psicologia Social na PUC-SP (2007). Professor da Universidade Federal do Pará (UFPA), na Faculdade de Medicina. Professor no PPGP/UFPA.
- *Flávia Cristina Silveira Lemos*: Graduada em Psicologia (UNESP, 1999). Mestra em Psicologia e Sociedade (UNESP, 2003). Doutora em História Cultural (UNESP, 2007). Bolsista de Produtividade da Capes. Professora Titular de Psicologia Social na UFPA e Professora do PPGP/UFPA.

Declaração de Direito Autoral

A submissão de originais para este periódico implica na transferência, pelos autores, dos direitos de publicação impressa e digital. Os direitos autorais para os artigos publicados são do autor, com direitos do periódico sobre a primeira publicação. Os autores somente poderão utilizar os mesmos resultados em outras publicações indicando claramente este periódico como o meio da publicação original. Em virtude de sermos um periódico de acesso aberto, permite-se o uso gratuito dos artigos em aplicações educacionais e científicas desde que citada a fonte conforme a licença CC-BY da Creative Commons.



[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)
